

# Escola em LUTO

*Fenômeno complexo, multifacetado e com inúmeras determinações, o suicídio afeta indivíduos de diferentes origens, classes sociais, idades e orientações sexuais*



“Foi um choque”. Assim definiu Dalva\* quando foi informada que uma de suas alunas havia tentado suicídio. Professora de uma escola particular de Taubaté, ela ficou abalada. “Saí da sala de aula acabada. Parecia que um trator tinha passado em cima do meu corpo”, contou ela, que foi atrás da coordenação para conversar o quão desgastante estava sendo lidar com aquilo.

O caso foi notificado a escola pela mãe da menina, estudante do nono ano do ensino fundamental. E desde então, a aluna, de 14 anos vive sob constante acompanhamento. “No início do ano, depois do ocorrido, ela fez uma redação falando sobre os seus sentimentos. E, por mais que eu me esforce e busque orientações, não sei, às vezes, como agir”, desabafou a professora.

Dalva não está sozinha nesse dilema. De assunto mantido guardado e trancado a sete chaves, a tema de seriado na Netflix, o suicídio entre os jovens no Brasil ainda é tabu, mas dados revelam: tem crescido de modo constante. Não à toa, o Ministério da Saúde acendeu no ano passado o alerta: de 2007 a 2016, 106.374 pessoas morreram em decorrência do suicídio, informam os dados oficiais. São cerca de 11 mil pessoas no ano. Entre os jovens de 15 a 19 anos, essa é a quarta causa de morte no país (65,6% dos óbitos são por causas externas).

O levantamento do ministério divulgado no mês de setembro aponta que a intoxicação exógena (envenenamento) é o meio utilizado por mais da metade das tentativas de suicídio notificadas no país. Com relação aos óbitos, a intoxicação é a segunda causa, com 18%, ficando atrás das mortes por enforcamento, que atingem 60% do total.

Mas, se Dalva pôde saber que sua alu-

na sofre de depressão, nem sempre pais e mestres têm a mesma sorte. É o caso de suicídios que ocorreram recentemente em escolas de São José. **OVALE** apurou que ao menos três escolas particulares sofreram com casos dessa natureza. E em dois deles, as frases ouvidas por pessoas próximas aos estudantes que escolheram tirar a própria vida eram as mesmas: “ele tinha uma convivência ótima com todos, tinha boas notas, namorada. Não parecia ter depressão”. E é possível que não tivessem mesmo.

“Depressão é um transtorno mental, e o que temos é uma alta relação entre suicídio e transtorno mental. Mas nem todo suicida tem transtorno. Da mesma forma que nem todos os que têm transtorno se encaminhará para uma atitude suicida”, afirmou a psiquiatra Patrícia Maura, do Centro de Valorização da Vida Francisca Júlia, de São José. Segundo ela, o suicídio tem o componente da impulsividade. “Muitas vezes, existe um plano, isso tem a ver com depressão grave, mas em muitos casos, trata-se de um ato impulsivo”.

Para o psicólogo Tauily Claussen, da Unifor (Universidade de Fortaleza), que palestrou no painel de Saúde Mental e Sócio-emocional do Fórum de Soluções em Educação, promovido pelo Instituto Alpha Lumen, o suicídio é a fuga de uma dor. “Às vezes, pode ocorrer algo pontual. E é preciso estar atento a como aquela pessoa recebeu a informação. O fim da vida é a saída para aquele que não vê solução para a sua dor”, disse. “O que não quer dizer também que uma pessoa que sofre bullying vá desenvolver depressão e se encaminhará a uma atitude suicida. Ela pode ter um temperamento mais resiliente, suporte familiar estruturado, condição sócio econômica que diminua o seu fator de estresse,

**A OMS desenvolve um plano de ação em Saúde Mental cuja meta é reduzir em 10% taxa de suicídio no mundo até 2020**